

Noticias do Algarve

SEMENARIO REGIONALISTA

ANO I N.º 10
DOMINGO - 16 de Agosto de 1953
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
TELEFONE 69
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
AVENÇA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR REGIONAL EM LISBOA
Jorge Manuel Freire Medeiros

O VALOR DA IMPRENSA

NESTA tarefa de alinhar letras, para com elas construir palavras que hão-de expressar ideias, há sempre um propósito mais ou menos utilitário, mais ou menos nobre e alevantado, segundo as intenções de quem as maneja.

No caso da Imprensa, quando há nela um objectivo simpático, quando a sua finalidade tende ao bem comum, as ideias tomam tal vulto que, não raro, se transformam em realidades práticas, de que muito aproveita a colectividade. É que as letras são uma espécie de soldados que o jornalista, fazendo de general, movimentam com mais ou menos táctica, com mais ou menos estratégia, a fim de atingir determinados fins. E as letras que, isoladas, raramente formam sentido, uma vez reunidas, agrupadas, obedecendo passivamente ao jornalista, tornam-se na expressão mais forte da alma popular, defendendo as suas conquistas e reclamando novos direitos.

É certo haver jornalistas que nem sempre se desempenham cabalmente da missão que lhes incumbe como tal, por apenas se preocuparem com o ataque exclusivamente pessoal e com o render graças a si próprios! Mas esses que, felizmente, constituem o menor número, não interessam para o caso deste artigo, que apenas pretende salientar o valor social da Imprensa.

É por demais sabido o papel que esta pode desempenhar na educação do povo e na conquista de regalias morais e materiais que tragam à colectividade o bem-estar a que tem jus. Também é conhecido o valor dum boa orientação das massas por parte da Imprensa, quando, por esta, são postos acima de tudo os interesses comuns. Desta forma, toda a acção tende a fructificar, todos os elementos tendem a satisfazer os fins para que foram criados, resultando disto uma harmonia que beneficiará os homens, até na sua natureza emocional.

O jornal é o melhor paladi-

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)

O RISO DA SEMANA



Sem palavras



Joaquim Rebocho, trabalhando no seu atelier

O PINTOR JOAQUIM REBOCHO

ALGARVIO PELO NASCIMENTO NACIONAL PELA EXPRESSÃO

DE QUANDO em quando, na história do Mundo, surgem acontecimentos por ora mal explicados ainda, e que, por isso mesmo, nos fazem meditar. Talvez, conforme a outras leis da Natureza, que periodicamente repete as maravilhas da sua fecundidade com o brotar das searas, a inflorescência dos prados e o rebentar das fontes na Primavera; o alourar dos trigais, a maturação dos pomos, no Estio; o cair da folha e a melancólica e doce poesia do Outono; também em ciclos determinados e impossíveis de prever na marcha do tempo, se repetem fenômenos da inteligência, agrupando, na mesma época, homens de excepcional envergadura, cada qual, contudo, no sector da sua preferência.

Assim acontece no decorrer dos séculos, e assim voltará a suceder nos tempos que estão por vir.

Para não irmos longe, buscar o exemplo desta verdade, podemos encontrá-la entre nós, de portas a dentro da nossa História, com a simples evocação do que foram, na política, nas artes, nas ciências e nas letras, certos períodos da mentalidade portuguesa, concentrados no máximo do seu rendimento intelectual, para, depois, empalidecerem, à semelhança do movimento luminoso do dia, que, em todas as vinte e quatro horas da sua jornada, volta à sombra, ao crepúsculo, à treva.

Na arte portuguesa, postas de parte as incertezas históricas dos séculos XV e XVI, onde se concentraram valores da craveira de Nuno Gonçalves,

Novo Arquitecto

Com elevada classificação, foi recentemente aprovada a tese defendida pelo nosso querido amigo, Manuel Gomes da Costa Rebocho, na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, o qual enceta assim a sua nova carreira de architecto. Desejamos-lhe as maiores felicidades.

POR ARMANDO DE LUCENA

de Vasco Fernandes, de Jorge Afonso, de Gregório Lopes, etc., e a realidade dos séculos XVIII e XIX, confirmadas pela presença inofismável dos dois

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)



Um aspecto dos «frescos» do Ministério das Finanças

QUANDO TEREMOS BIBLIOTECA PÚBLICA?

HÁ UNS três anos mais ou menos constituiu-se uma comissão que tinha em vista dotar a nossa terra de uma biblioteca municipal e, possivelmente, de um pequeno museu anexo onde se fossem entesourando valores de arte e de etnografia que, ao fim de alguns anos, constituiriam um património de que nos podíamos envaidecer.

Algumas pessoas acorrem pressurosas ao apelo da comissão e enviaram livros, não sabemos se muitos se poucos, mas exteriorizaram com o seu louvável gesto um simpático desejo de colaboração e um ma-

Crónica de Lisboa

NA LINHA DE CASCAIS

NO CAIS do Sodré há uma autêntica barafunda. A bicha para as bilheteiras nasce na estação, desce a escada, interrompe duas vezes para dar passagem aos automóveis, rodeia o monumento, vai ao quiosque (onde alguns aproveitam para tomar café) e acaba junto do parque de estacionamento.

Todos parecem felizes. Vão para a praia!

Nas salas de espera estão as famílias, os farneis e os garra-fões. Os comboios chegam e partem a todo o momento.

Os polícias, sempre amáveis e de cavalo marinho em punho, convidam a multidão a manter-se nas bichas.

Apenas numa crise de impaciência, um guarda do jardim

multou uma criança de dois anos por pisar a relva.

Dois chefes de família já regressaram das bichas Abrahão se. Tinham sido pontuais! Numa correria louca, foram para o comboio que já apitara, arrastando um a mulher, o outro a... companheira.

Como ninguém tomara ainda o pequeno almoço, foi fácil comprimir os passageiros e fechar as portas das carruagens.

É impossível que, naquelas centenas de pessoas, alguém possa gozar um mínimo de comodidade. Os que vão sentados sentem o peso dos que vão em pé; estes últimos aguentam os seus próprios pesos e as cotoveladas dos revisores.

É a altura de se conversar acerca dos farneis. O que trazem, o que esqueceu, o que se comprará aos vendedores ambulantes.

«Peixinhos da horta», pastéis de bacalhau, peixe frito... e o carrascão animador, comparecem, como fiéis amigos. Algumas donas de casa mais «ilustradas», presunçosas da sua arte, trazem peixe com molho à espanhola, ou arroz à Valenciana, como testemunho do secular intercâmbio ibérico.

Finalmente a praia!... Chegam a suar, depois dum longa caminhada desde a estação. Mas tudo isso é divertido «quando se vai» para a praia!

Alugado o toldo e entregues as roupas e haveres em troca dum «coleira» com chapa numerada, tudo vai para a água «lavar-se», pelo menos, do lodo que se acumula ao longo da praia.

Ninguém sente a areia grosseira e suja penetrar na carne, tal é o prazer destas escassas férias

(CONCLUÍ NA 7.ª PÁGINA)

Novo Advogado

Concluiu a formatura em Direito o sr. Dr. Diogo Leote Marreiros Neto, de 22 anos de idade, filho do sr. Dr. João Marreiros Neto, distinto causídico dos auditórios da Comarca de Portimão.

O nável advogado vai cumprir o serviço militar, brevemente. Depois, estabelecer-se-á com escritório numa cidade do Barlavento Algarvio.

O «Notícias do Algarve» cumprimenta o novo causídico, desejando-lhe as maiores felicidades na sua carreira profissional.

Prof. Armando de Lucena

Dá-nos hoje o prazer da sua primeira colaboração no «Notícias do Algarve» o notável crítico de arte e distinto professor sr. Armando de Lucena. Ninguém, com maior autoridade e isenção, poderia falar-nos da arte maravilhosa de Joaquim Rebocho, querido amigo de infância e conterrâneo ilustre, que, pelo seu génio, conquistou mercedamente um dos primeiros lugares entre os maiores nomes da pintura portuguesa contemporânea.

«Comércio de Portimão»

Com o número publicado na penúltima semana de Julho, completou este nosso prezado colega vinte e sete anos de publicação.

Por esse facto apresentamos-lhe, e ao seu Director, sr. Augusto M. Leal, as nossas felicitações, com votos de muitas prosperidades.

(CONCLUÍ NA 8.ª PÁGINA)

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se nas Caldas de Monchique, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Dr. Alonso Vasques, sócio-gerente da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.

Regressou de Saboia a menina Jesuina Socorro Rocharte, gentil filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. Joaquim Martins Rocharte.

Encontram-se nesta vila a gozo de férias, os srs. Eduardo Pessanha Mateus, aluno de Engenharia da Escola Militar, e Raúl Pessanha Mateus, estudante, filhos do nosso prezado amigo e assinante, sr. António Mateus da Silva.

Encontra-se nesta vila, em gozo de férias, o sr. Raúl Pacheco, aluno de Engenharia, da Escola de Guerra, filho do nosso prezado assinante, sr. Capitão Inácio Monteiro Pacheco.

Com sua filha Maria de Fátima, encontra-se nesta vila, onde vem passar a época balnear, a sr.ª D. Adelina da Costa Aleixo, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco Medeiros Aleixo, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de ver nesta vila o sr. Domingos Sancho de Sousa Uva, nosso prezado assinante em Lisboa, que está a passar a época balnear com sua família, na Praia de Monte Gordo.

Com sua esposa e filha, encontra-se em Silves o nosso prezado assinante, sr. José Burgo Fernandes, conceituado negociante e exportador de frutos do Algarve.

Esteve nesta vila o sr. José da Trindade e Lima, distinto professor em Alcoutim, e nosso prezado amigo.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado assinante, sr. Teófilo Rita Néné, nosso estimado assinante em Lisboa.

Com sua esposa e filho, encontra-se nesta vila, a gozo de férias o sr. Manuel José Rita Júnior, tesoureiro da Fazenda Pública em Valpaços.

Encontra-se entre nós, de visita a seus pais, o nosso estimado assinante sr. João Cumbreira Centeno de Sousa, residente em Lisboa.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante, em Cabanas-Tavira, sr. Leonardo de Jesus dos Santos,

IMPRESSA

«O Clarim»

Tivemos o prazer de ver transcritas neste nosso prezado colega de Macau, uma das «Cartas de Rodolfo Ruiz» da autoria do nosso querido colaborador sr. Dr. José Pinto Lello (José de Basto). Apresentamos pois a «O Clarim» os nossos melhores agradecimentos.

«O Sesiembrense»

Também este nosso colega de Sezim-bra transcreveu, quase na íntegra, a «Crónica de Lisboa» do n.º 6 do nosso jornal. Agradecemos igualmente.

AOS NOSSOS COLABORADORES

A todos os nossos prezados colaboradores que nos remetem semanalmente os seus originais, pedimos para que os enviem até às terças-feiras de manhã, afim de não ser prejudicada a sua oportunidade.

Ex.º Senhor

JÁ PENSOU NO SEU FUTURO?...

A vida de um homem deve segurar-se, como quem segura um prémio contra o fogo.

A vida desaparece e a saúde também; mas o seguro fica sempre. Enquanto é novo, é que deve lembrar-se da velhice, antes que seja tarde. Porque não faz já o seu seguro, garantindo o seu futuro com um capital ou uma pensão para toda a sua vida?...

CONSULTE

ANTONIO SOARES

AGENTE DE SEGUROS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
que tem a modalidade que V. Ex.ª deseja.

Noticiário da Província

PORTIMÃO

O Caso da Semana

Nestes últimos dias de calor intenso, verificou-se nesta Cidade, enorme falta de água para consumo.

O facto, em si deveras alarmante pelas contrariedades que encerra, coloca, ainda, as donas de casa em situação aflitiva, pois nota-se que nas horas em que a água é mais necessária é quando a sua falta mais se faz sentir.

De noite, então, nem pinga! Assim, o pacato cidadão ao regressar do seu trabalho, indo pelo caminho antegozando o jacto de água fria, benefício ao seu corpo, tem de se contentar em coleccionar decepções. E por mais lamúrias que invoque, as torneiras não se comovem!...

Idênticos e piores transtornos se notam na Praia da Rocha, onde não é admissível que o precioso líquido falte para consumo.

E nos dias de grande movimento, à falta de melhor, o indivíduo menos endinheirado lá consegue beber um copo de água, paga, mas vendida por favor, água que por vezes nem fresca é. Porém, só o consegue, depois de disputar a vez com outros indivíduos, o que equivale a dizer que a sede redobra o martírio ao paciente, que mesmo depois de servido fica com sede.

Que, valha a verdade, na Praia existe realmente, muita, mesmo muita água, fresca, gratuita e em todos os locais. Mas é salgada... e essa só serve aos peixes e para os banhistas incautos!

— Não haverá meio da Câmara Municipal solucionar este assunto?

Esperamos que sim!

Aspectos do Comércio

Portimão, cidade moderna, dispõe de bons e modernos estabelecimentos comerciais graças à compreensão louável dos seus comerciantes, o que bastante a honra e dignifica.

Porém, nota-se que na principal artéria Comercial, a Rua França Borges e João de Deus, se encontram alguns «estabelecimentos» a pedir «reforma», por estarem a ofuscar o seu brilho comercial, pois tabernas e oficinas de latoraria e serrador ainda lá existem, como se Portimão não fosse uma importante cidade, mas sim um lugarejo escondido no mato.

Os inconvenientes das actividades atrás mencionadas estão bem patentes, especialmente a Oficina de Ferrador, cuja «selecta clientela», dá à referida artéria uma nota de bom «chiquismo».

Nós temos muito respeito pelo trabalho do nosso semelhante, a quem louvamos; mas não seria possível mudar aquelas actividades para um local mais adequado?!

Tenhamos em vista que isso só valoriza o Comércio local e se os próprios visados tencionarem manter-se ali mais uns anos, então... Talvez em breve vejamos surgir a público uma ultra-dinâmica oficina de ferrador, com montras, exposições e reclamos a neón! Bom senso, senhores!

O Porto de Abrigo

Continuam em ritmo acelerado os trabalhos da conclusão do Porto de Abrigo, estando quase concluído um dos molhes.

A pesar das dificuldades materiais e morais com que, cremos, a empresa adjudicatária luta neste momento, as Obras continuam confirmando que quando os homens desejam vencer, conseguem-no sempre com persistência e trabalho, a pesar dos reveses que constantemente os atingem.

Esperamos, muito breve, referirmo-nos pormenorizadamente ao assunto em questão.

Grande Concurso das Praias de Portugal

A iniciativa patrocinada pelo «Diário de Notícias», deve obter entre nós um

lugar de relevo, no dia 6 de Setembro, data para que está anunciada a realização do interessante certame.

Podendo concorrer todos os rapazes e raparigas dos 6 aos 15 anos, os premiados terão direito a valiosos brindes, que serão entregues na festa de homenagem prestada no Casino, no mesmo dia da prova.

Como habitualmente, o organizador desta interessante realização para os jovens, será o dinâmico Erico Braga, delegado do Diário.

As inscrições podem ser feitas por intermédio da Comissão Municipal de Turismo e terminam um dia antes da prova, disputada em recinto reservado e visível ao público.

A época balnear no Casino da Praia da Rocha

Continuando a apresentar atracções para os mais variados gostos, a Direcção das Festas do Casino da Praia da Rocha fez deslocar de Lisboa a artista da Canção Nacional, Maria José da Guia, que nos últimos tempos tem obtido êxito na Capital, acompanhada dos seus guitarristas Ildio Santos e Pedro Leal, pelo que se apresentou, no passado dia 8, no vasto salão de festas do referido Casino.

Nota-se, assim, que o Casino da Praia da Rocha mantém o firme propósito de confirmar as mais optimistas opiniões, e que, ao mesmo tempo, confirma a fama dos êxitos de que vem precedido há longos anos.

Com a colaboração da Orquestra Pax-Júlia, privativa do Casino, realizam-se bailes todas as noites e «matinées» dançantes aos domingos.

O Casino, que tem um completo serviço de Restaurante, Bar, Chá, etc., serve Banquetes e excursões e grupos que se façam anunciar previamente.

Automobilismo

(IV Rallye Automóvel da Praia da Rocha)

Conforme noticiámos anteriormente, realiza-se nos próximos dias 29 e 30 o IV Rallye Automóvel da Praia da Rocha, prova que está a despertar o maior entusiasmo e promete revestir-se de mais completo êxito.

As inscrições dos concorrentes estão abertas em Lisboa, na firma Mira Commercial — Avenida António Augusto d'Aguiar e na Comissão Organizadora — na Praia da Rocha pelo telefone 258, das 13 às 16 horas, para as seguintes categorias:

- A — superior a 2.500 c. c.
- B — superior a 1.500 até 2.500 c. c. inclusivè
- C — superior a 1.300 até 1.500 c. c. inclusivè
- D — superior a 1.000 até 1.300 c. c. inclusivè
- E — superior a 1.000 c. c.

As partidas efectuam-se em Cacilhas, Beja e Praia da Rocha.

Patinagem (ou O'quei em Patins)

Sendo a patinagem o desporto favorito da gente nova, em tempos entendeu o P. S. C. mandar proceder à construção de um ringue de patinagem no seu campo de jogos, o que se conseguiu, e excelente.

Fundou-se, por essa altura, no mesmo clube uma secção de óquei patinado, tendo sido disputados diversos encontros, até com adversários categorizados e com bons resultados, pois mercê da boa vontade, o Portimonense S. Clube alcançou em pouco tempo um lugar de destaque no óquei em patins.

Por diversas políticas desportivas, a que estamos aheios e não pretendemos discutir, a secção de óquei patinado do P. S. C. está em vias de agonia, pois a sua extinção não tenha sido completa, a actividade nestes últimos tempos reduziu-se a quase-nada.

Ora isto assim não está certo, pois Portimão bem merece ter um bom grupo de óquei e compete aos Portimonenses desenvolver os seus dotes próprios fortalecendo as suas iniciativas com o decorrer do tempo. E para honra de Portimão, do P. S. C. e do Desporto, tomem-se as providências necessárias e energias para que o óquei em patins ocupe entre nós um lugar de primazia.

E talvez, quem sabe, o P. S. C., tão infeliz nas suas actividades futebolísticas, seja mais feliz no óquei, o que para nós, Portimonenses, era uma compensação a levar em conta.

Desafio de O'quei

A confirmar a local atrás exposta, está o facto de no desafio de óquei que há dias se disputou entre o «Grupo Desportivo Praia da Rocha» e o «Grupo Desportivo Praia de Albufeira», que terminou com o resultado favorável aos

OLHAO

Futebol

Como já noticiámos realizou-se em Olhão no Estádio Padinha, no passado domingo a festa desportiva com a colaboração de atiradores do Algarve e dos jogadores do S. C. Olhanense.

Na realidade a festa mereceu a simpatia de todos, pois o Estádio Padinha encontrava-se repleto na parte da «sombra», e assim o público olhanense demonstrou ajudar a Direcção do clube nos projectos que esta pensa levar a efeito.

Na tribuna de honra encontrava-se a bandeira do S. C. Olhanense e presidiaram à mesa os srs. Lourenço Batista Lopes de Mendonça, João Uva Sancho e Ventura Manita da Cruz, respectivamente presidente e vice presidente do Município local e, do S. C. Olhanense.

O jogo teve início às 16 horas precisamente e sob a arbitragem do sr. Rafael Francisco Madeira, da Associação de Futebol de Beja, os grupos alinharam:

Valhas glórias — João Francisco, Rodrigues, Loulé, Cabrita, César, Grazina, Ramos, Arménio, Masquete, Batista e Oeiras.

Novas glórias — Cravo, Belchior, Aguiar, Januário, Tavares, Gonçalo, Coelho, Tomás, J. Manuel, Fernando e Viegas.

O jogo durou apenas 60 minutos dada a fraca preparação física do grupo antigo, que mesmo assim conseguiu de senhar algumas jogadas de grande classe, embora não tivessem pernas para fugirem na altura precisa.

O jogo terminou com uma vitória merecida da turma actual por 5 o, mostrando assim mais técnica, e no segundo tempo não conseguiram marcar um único goal.

A MARCHA DO DESAFIO

1.º tempo — Aos 6 minutos de jogo João Manuel, avançado centro dos novos teve um remate fortíssimo às redes do guarda-joias dos velhos que este não conseguiu deter, indo a bola para os pés de Coelho que na recarga marcou o 1.º ponto.

Os outros 15 minutos de jogo quando Loulé ao querer salvar uma bola rematada por alto pelo interior Fernando, a meteu nas próprias redes.

Iam decorridos 22 minutos, quando João Manuel conseguiu marcar um potente gole de cabeça, sem culpas para o guarda-joias antigo.

Finalmente mais dois golos: um por Coelho, aos 24 minutos e o outro quatro minutos depois pelo mesmo jogador.

Nesta primeira parte há a assinalar a falta de poder ofensivo dos antigos, que deixaram os novos rematarem à baliza de toda a maneira, embora estes fossem mais perfeitos quando apanhassem a bola.

SEGUNDO TEMPO 0-0

No segundo tempo entrou para o lugar de João Francisco, o guarda-joias actual Abraão, que jogou pelos velhos e que conseguiu fazer uma boa exibição não consentindo que as suas redes fossem tocadas. Desde logo Abraão devia de ter jogado o jogo logo de início. Nos velhos distinguimos: Cabrita que se encontra com grande personalidade; Grazina também está em forma e Abraão que foi o guarda redes que não sofreu tentos.

A seguir realizou-se o torneio de tiro aos pratos, saindo vencedor o farense

(CONCLUÍDA NA 2.ª PÁGINA)

primeiros de 8-3 bolas, os elementos que constituiram o grupo vencedor serem, na maioria, os titulares do P. S. C.

Futebol

Consta-se que Hilário não envergará este ano a camisola do Portimonense S. Clube, nem ostentará as cores de outro qualquer Clube.

O popular jogador terá de cumprir o serviço militar obrigatório nas Caldas da Rainha.

Assim, o P. S. C. perde um bom elemento.

Chegou a esta cidade, no dia 11, o Treinador húngaro Alexandre Pecs que vem servir o Portimonense S. Clube nesta época de futebol.

Anteriormente, Alexander Pecs exercia actividade no Estoril Praia.

Depois de firmados os contratos para a nova época de futebol, voltaram, provisoriamente a Espanha Garcia e Molina, que foram contrair matrimónio ao seu País, ao que nos informaram.

Estão em vias de conclusão as negociações com o novo elemento espanhol que o P. S. C. pretende para a sua «equipa». —

AGENDA

Movimento da Bota

de Vila Real de Santo António

Vendas efectuadas de 7 de Agosto a 13 de Agosto:

Trainceiras:	
Brisa	27.780\$00
Agadão	19.750\$00
Maria Rosa	12.890\$00
Leste	5.700\$00
Janita	5.125\$00
Tufão	4.490\$00
Liberta	2 5 5\$00
Norte	2.500\$00
Manuela	2.200\$00
Levante	985\$00
Deolinda Rita	980\$00
S. Domingos	490\$00
Flor do Sul	270\$00
Total	85.515\$00

Cercos:

Maria do Mar 710\$00

Atum da Costa Algarvia

453 Atuns	345 941\$60
191 Atuarros	100.250\$00
89 Albacoras	25.658\$80
12 Cachorretas	2.180\$00
Total	474.029\$90

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

de 7 a 12 de Agosto:

Entradas:

SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.
TERCEIRENSE, Português, de 1.295 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.

Saídas:

MARIA B, Italiano, para Nápoles com escala por Lisboa, com conservas.
SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com minério e enxofre.
TERCEIRENSE, Português, para Ponta Delgada, com sal.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

HORÁRIO DE CAMIONETES

Entre Vila Real e Monte Gordo:

Partidas de Vila Real — às 8,20, 9, 10, 12,15, 13,15, 17,15 18,15, 19,15, 21,30 e 22,30 horas.

Partidas de Monte Gordo — às 8,35, 9,15, 10,30, 12,45, 13,45, 17,45, 18,45, 20,30, 22 e 1,30 horas.

Este horário tem início em 1 de Agosto até 30 de Setembro.

Vila Real - Faro.

Às 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,0 - 18,30.

HORÁRIO DE COMBOIOS

Partidas de Vila Real - Lisboa:

Rápido todos os dias, às 13,13, Correio, às 21,33 todos os dias. Partidas de Vila Real - Lagos, As 6,38, 15,43, 16 e 18.

CARREIRAS FLUVIAIS ENTRE ESTA

VILA e a PRAIA DE SANTO ANTONIO

Domingos — Partidas para a Praia às 9,30 e às 14,30 horas.

Partidas da Praia às 19 e às 20 horas.

Quintas-Feiras — Partidas para a Praia às 14,30 horas.

Partidas da Praia às 19,30 horas.

Local de embarque - Cais da Rainha.

CARREIRAS PARA AYAMONTE

Partidas às 11 e 16 horas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 15 a 21 de Agosto a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA

Médicos:

Dr. Alonso Vasques

Dr. Reinaldo Vasquez

Consultas grátis às Segundas, Quartas e Sábados.

Serviço permanente no Posto de Socorros.

Dr. May Viana — «Doenças dos Olhos» Consultas aos segundos Domingos de cada mês.

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

Francisco Matias

António Rairo Madeira

Renato Rosado

DESPORTO

Festival Desportivo

No parque dos Bombeiros, organizado pelo Clube Náutico, realizou-se no passado dia 8, um festival nocturno constituído por dois jogos de Oquei em Patins e uma partida de voleibol.

Defrontaram-se, em primeiro lugar, a equipa do Clube Náutico e a do Académico, terminando o encontro com um empate a duas bolas.

O primeiro tempo fiadou com 2-0 a favor dos náuticos que se mostraram mais organizados e com maior poder de remate. Na segunda parte, porém, os académicos reagiram bem, conseguindo anular a desvantagem com dois tentos apontados por Campinas, o segundo dos quais foi premiado com uma justa e estrepitosa salva de palmas da assistência, pelo magnífico esforço pessoal daquele elemento.

A seguir, jogaram os grupos do Guadiana e do S. L. Faro, tendo a vitória pertencido aos locais por 7-3, mercê da sua maior rapidez, energia e engodo pela baliza. Os farenenses apresentaram uma equipa heterogénia, onde sobressairam os trabalhos de defesa e do médio, a par da lentidão e de falta de técnica dos restantes elementos. Os primeiros revelaram patinagem segura, bom trabalho de stick e um apreciável domínio de bola, sempre bem coberta nas incursões de contra ataque.

Nos locais, distinguiu-se Primitivo, particularmente feliz nos remates, com boa direcção e plenos de força.

A finalizar, jogou, em voleibol, uma equipa do Clube Náutico com outra constituída por estudantes que se encontram a veranear na vizinha praia de Monte Gordo.

Venceram, com merecimento, os forasteiros que patentearam conjunto superior e melhor técnica individual. Na equipa vila-realense surpreendeu-nos agradavelmente o trabalho de Miguel Socorro, demonstrando excelentes qualidades para a modalidade. Bom passador e rematador perigoso.

Não queremos fechar este breve relato do festival, sem apontarmos como notas discordantes, dois factos que empanaram o brilho da reunião.

O primeiro refere-se ao antipático e incorreto intrometimento na arbitragem dos jogos patinados, por parte dalguns elementos da assistência que, sem nunca terem dado um breve golpe de vista pelo regulamento do jogo ou de haverem, de qualquer modo, despendido uma pálida colaboração ao desenvolvimento da modalidade na nossa terra, nada mais fazem do que revelar a sua ignorância e a sua lamentável compostura, podendo com elas prejudicar o louvável ambiente em que têm decorrido os jogos efectuados.

Confiamos, todavia, na educação e no espírito desportivo dos rapazes que praticam o Oquei em Vila Real, crentes de que se não deixarão arrastar por estas nocivas atitudes.

O outro facto que nos desagradou, e que repudiamos inteiramente, diz respeito aos «uh. uh. uh...» proferidos por determinado sector da assistência, sempre que desejava manifestar o seu desacordo.

Conhecemos bem a proveniência dessas exclamações impróprias. São filhas da memória auditiva de certos relatos de cer-

tames internacionais, em que a assistência revelou falta de educação desportiva.

Esquecer essas exclamações, que não queremos classificar, é uma imperiosa necessidade! E que mal elas ficam, então, se partem de lábios perfectos de raparigas bonitas...

Assembleia Geral no Lusitano

Em virtude dos membros eleitos na sessão anterior não terem aceitado os cargos, reuniu-se, pela segunda vez, a Assembleia Geral do Lusitano, no pretérito dia 10, para eleição dos novos Corpos Gerentes.

Presidiu à Mesa o Rev. Padre Galhardo que antes de mandar proceder à votação, num feliz e oportuno improviso, exortou a massa associativa do clube a colaborar activamente com os futuros elementos directivos que o orador reputou merecedores da inteira confiança de todos os sócios.

O ilustre Presidente da Mesa fez realçar o ambiente de fé e de compreensão que havia notado na Assembleia e pediu, finalmente, um viva ao Lusitano, sendo correspondido entusiasticamente por toda a assistência que, de pé e vibrantemente, lhe tributou uma demorada salva de palmas.

Tendo-se procedido ao escrutínio, verificou-se a eleição, por unanimidade, dos seguintes senhores:

Assembleia Geral: Rev. J. H. Galhardo Palmeira, Octávio Pinto, Manuel Oliveira Rosa e Jutiliberto Palma.

Conselho Fiscal: Dr. Raul Folque de Brito, Luiz G. Camarada e S. S. Silva.

Direcção: Jacinto Figueiredo, Eng.º João Manuel Barroso, F. Couraça Rodrigues, João Cavaco, Manuel Horta, Manuel José de Sousa e Luiz V. da Silva.

Suplentes: Manuel J. Rodrigues, Emilio Ribeiro, Flaminio Gil, Jacinto Ribeiro, Joaquim Mortágua, José Castanheira e Amadeu Canelas.

Por carência de espaço e falta de tempo, reservaremos para outro número a publicação de um breve estudo sobre o futebol local e, especialmente, sobre o Lusitano.

— Contudo, não queremos deixar já de enaltecer a atitude de aquiescência tomada por todos os elementos eleitos em Assembleia Geral, prestando-se à ingrata missão de dirigirem o clube em transe tão difícil da sua vida.

— Não temos receio de afirmar que os destinos do Lusitano estão entregues em boas mãos. Sinceramente, confiamos na dedicação clubista e na capacidade de trabalho dos sócios eleitos.

— Resta-nos fazer votos para que os novos dirigentes encontrem, na compreensão da massa associativa e no auxílio de todos os vilarealenses, as facilidades de trabalho necessárias para o bom desempenho dos seus espinhosos cargos.

L. C.

HAVANEZA

A Casa que proporciona a V. Ex.º os melhores trabalhos em todos os géneros de

FOTOGRAFIA

VILA REAL DE STO. ANTONIO

PARA SI minha Senhora

O PROBLEMA DA ALTURA DAS SAIAS

por Noémia Gil Farla

VAI GRANDE celeuma pelos jornais de todos os países sobre o problema das saias curtas que, segundo eles, Dior, o célebre costureiro parisiense, criou para o ano de 1954. Mas não se assuste, minha senhora, com tanto barulho à volta de uma notícia, afinal bem simples. Trata-se, na maior parte dos casos, de uma pequena propaganda, seguida, involuntariamente, pelos jornalistas, que, sendo homens, pouco ou nada percebem de uns quantos centímetros a mais ou a menos, na altura de uma saia.

Como todas nós sabemos, nos últimos dois anos as saias têm vindo a descer e Dior, nos seus modelos deste ano, apresenta as saias «um pouco mais curtas». Deste «um pouco mais curtas» fizeram as agências telegráficas «as novas saias curtas». E logo os jornais deram a notícia, que Dior (encantado com esta publicidade gratuita ao seu nome) não se apressou, evidentemente, a desmentir.

Façamos nós, todavia, a experiência da nova altura — a quarenta centímetros do solo. Calcemos os sapatos de salto e ponhamos a fita métrica a partir do chão até à bainha da saia. Veremos, então, com espanto, que os quarenta centímetros dão a mesma altura do nosso vestido feito há três anos. E assim, maravilha das maravilhas, a «audácia» do costureiro francês é precisamente a altura que mais se vê por essas ruas de Lisboa, altura, de resto, equilibrada, discreta.

Além disso, Dior não é senhor omnipotente da costura francesa e muito menos o é da costura mundial. Balmain, um nome tão importante como o dele, apresentou as saias para 1954 ainda mais compridas do que as da estação corrente: a 27 centímetros do chão; Jean Dessès, outro dos grandes, escolheu para os seus modelos a altura de 30 centímetros — e Balenciaga, na sua lindíssima linha «guitarra», apresentou-as também na mesma altura e até com tendência para descer. Por aqui se vê que, mesmo em Paris, as opiniões se dividem. Quanto aos outros países, Hartnell, o famoso desenhador londrino que veste a Rainha Isabel II e, realmente, com muito bom gosto, ao declarar que não se encontra nada impressionado com os boatos, disse: «As bainhas das saias ficam onde estão agora. A saia tapando a barriga da perna é a mais graciosa para as senhoras. Qualquer bocado mais que se lhe encurte desfê-la-ás».

Por seu lado, o italiano Schubert, também costureiro famoso, declarou: «A saia curta não voltará a atravessar os Alpes. Deixemos as senhoras com o comprimento da saia actual, que é o mais elegante e o mais bonito». Um correspondente do jornal «Corriere de la Sera» declara, entretanto, que assistiu à passagem de Dior, em Paris, não tendo notado grandes exageros na altura das saias. Só o barulho feito nos dias seguintes, pela Imprensa, lhe chamou a atenção para os tais dez centímetros a menos. Giorgio Sansa, no mesmo jornal, diz que tudo é uma hábil propaganda de Dior para impressionar a clientela americana, que adora o sensacionalismo e que ele estava a ver cada vez mais interessada nas modas de Roma e de Florença.

Em artigo enviado de Paris, Dorothy Vernon, por seu turno, escreve, no «New York Times», que os modelos de Schiaparelli e os de Balenciaga são muito interessantes, com as saias um pouco mais compridas, e Eugénia Shepard, no «New York Herald Tribune», em carta de Paris também salienta que o comprimento da saia ainda não está bem definido, pois, enquanto Dior as quer mais curtas, Balmain e os outros as querem mais compridas.

Aqui temos, em resumo, algumas opiniões autorizadas sobre o assunto. Pessoalmente, parece-nos que Dior não tem muita autoridade para nos ditar o encurtamento, pois foi ele quem nos convenceu, em 1947, das vantagens do então chamado «new-look», declarando que a beleza da mulher se valorizava e a graça do andar ganhava novo encanto e elegância com a saia bem rodada e pelo tornozelo. E' bem certo, porém, que «souvent l'homme varie...»

Este número do «Notícias do Algarve» tem 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

CINEMA

FOR VITORIANO ROSA

O VALOR do cinema como Arte, como Linguagem ou como fonte de Cultura já não precisa de demonstrações.

Em certos sectores, porém, ainda se persiste em afirmar que o gosto do público pelo cinema é devido apenas à sua necessidade de evasão e recreio.

— Mas, acima dos simples factores de ordem distractiva, não existirão mesmo outros, por vezes imperceptíveis, na base dos verdadeiros motivos da frequência aos cinemas?

A esta pergunta — cada qual responde por si. Mas a realidade genérica mostra-nos que, quando qualquer um de nós decide «ir ao cinema», já não vai lá por acaso, sem se informar sobre o assunto, artistas e técnicos da obra em exibição.

Esta atitude, a-pesar de simples, define uma preocupação de escolha, de selecção, que está longe de se confinar ao tal desejo de evasão e recreio. Mais ainda: através dela, torna-se indiscutível que a mentalidade de espectador é que determina a qualidade de espectáculo cinematográfico.

Entre nós, por razões que têm a sua origem no baixo nível cultural do nosso povo, a qualidade de espectador cinematográfico é duma pobreza que confrange.

Como combater o mal?

As soluções são tão ilimitadas, umas já complexas, outras extremamente simples, que seria fastidioso enumerá-las, tanto mais que a finalidade desta secção é estudar precisamente os problemas que impedem que o cinema seja a Arte nova que os povos querem. Na tarefa que nos propomos levar a cabo, para melhor compreendermos a 7.ª Arte — essa «janela do mundo» que tantos horizontes nos abre — aceitamos a colaboração dos leitores que nela queiram participar, com artigos ou com perguntas, com sugestões ou com críticas.

O RETRATO DA SEMANA



Ela Silvana Mangano.

A artista de «O Lobo da Calábria», «Arroz Amargo» e «Ana» voltará brevemente às nossas telas, no filme «Não Matei» (Il bandito Masolino) ao lado de Amadeo Nazzari.

NOTICIÁRIO

Portugal

■ O crítico Manuel Azevedo vem publicando com regularidade, na página de espectáculos do «Norte Desportivo», valiosos artigos de divulgação crítica.

■ Saiu o número 4 da revista «Visor», uma edição do Cine-Clube de Rio Maior, que se afirma, de número para número, cada vez melhor.

■ Na revista «Vértice» continua um interessante debate sobre o problema da dobragem, com a par-

ticipação de Neves Real, Alves Costa, Roberto Nobre, Campos Pina, Fernando Condesso, e outros.

França

■ O crítico Pierre Lemonys, do «Carrefour», saudou a estreia do segundo filme de Jacques Tati, «Les vacances de Monsieur Hulot», com estas palavras entusiásticas:

«...reata a tradição do cinema cómico que a França viu desaparecer nos primeiros anos do sonoro.»

Argentina

■ O filme argentino «Las aguas heladas turbias» é uma bela película social considerada como um passo em frente na cinematografia crioula para a criação dum cinema nacional.

Extraído do livro «Rio Oscuro» de Alfredo Varela, O Ministério da Cultura concedeu-lhe o primeiro prémio para o melhor filme do ano.

CINE-FOZ

Exibe hoje, a mais alegre e a maior original comédia em Technicolor que faz rir às gargalhadas — QUASE UM ANJO, com Loretta Young e Joseph Cotten.

E' a história adorável de uma sonâmbula que de noite se levantava e ia para a pândega! Durante o dia era uma enfermeira dedicada e severa, mas de noite transformava-se numa adorável rapariga apaixonada.

Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos.

Quinta-feira, a maior fábrica de gargalhadas de todos os tempos — CANTIFLOR NO CIRCO.

Cantiflor: domador de feras... trapezista... equilibrista... mala-barista...

Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos.

GAZETILHA

TEATRO

A nota que mais vincou a semana que findou foi o Teatro do Povo, o qual, ao «largo da feira», arrastou a Vila Inteira desde o velho até ao novo.

D. Duardo, o apaixonado, fez vibrar um bom bocado românticos corações; antes, da Beira o Juiz, fez rir quem muito bem quiz com suas opiniões.

No «Auto de Santo António» onde surgiu o demónio querendo assustar a assistência, actores e encenação mostraram, sem discussão, do Teatro a excelência.

O «Traldo Imaginário» foi um findar necessário por ser alegre e picante; pena é que, coisas assim, só século não século sim nos apareçam por diante...

BIN OCLO

Gazeta de Cantanhede

Manifestamos a este estimado colega os nossos agradecimentos pela gentileza das amáveis referências que se dignou fazer a respeito do nosso jornal.

OS NOSSOS CONTOS

A BONECA DE CÊRA

CONHECIA-A numa pequena vilória — uma terra apagada e sem vida, com as suas repartições burocratas, e um jardimito acanhado, onde as pessoas gradas da terra, nas noites de calmaria iam desentorpecer as pernas, e arrotar após as copiosas refeições. Gente boa, pacata e sorna aquela da vilória. Loura, duma carnção leitosa, olhos amplos banhados de sombras e melancolia, tinha no seu ar de rapariga citadina qualquer coisa de artificial, de boneca. Viera para ali tomar os bons ares da serra aconselhada pelo médico que, ao auscultar o seu frágil peito de avezita a achara muito fraca e lhe diagnosticara uma tísica já em grau adiantado. Nunca estivera no campo — disseram-me ela — com a sua voz flébil, cheia de contrastos e ressaibos dolorosos. Amava a vida da cidade, o barulho da sua rua, os pregões alegres das vendedeiras, as histórias da mamã, as sessões de cinema de longe a longe, e os passeios de domingo à praia, passando as tardes ao sol a lambar-se com guloseimas que o bom do papá lhe comprava. Começava a sentir essa dolorosa nostalgia pela vida da sua grande cidade. A vida da vila, que desterro! E erguia os seus bracitos magrizelas, mordida os lábios sem seiva nem côr, secos como esses frutos estorricados pelo sol; e confessava-se dramaticamente a rapariga mais infeliz e infortunada do mundo. — Não havia caso para tanto — soprava-lhe em aos ouvidos. E lançava-me ardente, convicto na apologia do campo. Ali a vida era sã, virgem e bela como nos primeiros dias da criação do mundo, límpida e serena como o céu azul que a cobria; brilhante e alegre como a água que cantava pelas bermas dos caminhos e ia mitigar a sede dos feijeiros e do milho. E esforçava-me, de balde, por a obrigar a ver todas as belezas que a vida campestre proporciona aos nossos olhos. Era preciso ter paciência, coragem! Ela iria ver como se curaria! A sua sensibilidade habituada a outros espectáculos, ao movimento da rua na sua cidade distante, às casas escuras de cinema, à claridade das praias, não vibrava com a tranquilidade e os simples encantos do campo. E Cristina, lá passando as horas daquele longo verão a olhar o calendário, ansiando febrilmente que as uvas amadurecessem depressa, e finalmente chegassem os dias outonais para que ela pudesse partir para a cidade. Não tinha grande paciência para as longas estadias na cama; e a febre, de vez em quando, coloria-lhe as faces de vermelho, e o seu corpito magro, nervoso, tinha tais inquietudes, tais saprichos, assaltava-a tal voluntariedade que obrigava o médico da vila a ser um pouco duro nas palavras e a franzir demasiadamente os sobrolhos. Melhoras, não as sentia. E sobre a noite caía momentaneamente sobre a vila, o seu peito estremecia sobre a acção dolorosa da tosse que lhe colocava labaredas no rosto. E alta, vaporosa e lânguida, um tanto corrompida por uma literatura sentimental — era bem a boneca de cera — como a alcunhara o Silva, aspirante das Finanças. Eu comparava a certas estampas desbotadas que encontrara no álbum da minha avó e que todos os anos folheava, quando passava as férias na vila. Nunca levei a sério aquela estranha Cristina — e mesmo, quando as nossas relações enveredaram por

um caminho de maior intimidade, eu sempre me recusei a ver na pobre rapariga uma mulher como as outras, com os desejos e sonhos de todas as mulheres; quer dizer, nunca admiti que Cristina possuísse um sexo. E contudo, Cristina, era ardente, vibrátil aos apelos do amor. Seus olhos escuros cheios de garulice mais agrotada e de sombras mais profundas, eram bem os olhos da mulher amorosa, promissoras das dádivas mais generosas e ternas. As suas atitudes um tanto amaneiradas, os seus olhos travessos, pareciam dizer: Por que

Por RODRIGUES PENA

não reparais em mim? Espero que vos agrade; sahei: no meu coração há um caudal de ternura? Acreditai — meus olhos não vos mentem! Mas nenhum de nós, nem eu, nem o Silva, nem os outros, se decidiram a colher tão estranha e delicada flor.

Passávamos ao longo do rio; garotos nus chapinhavam na água; e nas eiras, os homens soltavam litanias bárbaras debaixo de um sol selvagem, as gargantas desdentavam-se com fresca água e, empunhando os manguals que furiosamente desabavam sobre as espigas do centeio, mostravam o peito nu, cabeludo, bíblico. Cristina achava aquilo bárbaro. Eu fui o seu amigo dilecto, o seu companheiro das horas de tédio, o irmão paciente e carinhoso das suas agonias. Senti e vivi o pesado e trágico acabrunhamento daquela suave e triste rapariga que se despedia aflitivamente da vida. Procurei todas as tentativas para a distrair; ouvi com resignação as mais estranhas e febris histórias românticas dos seus lábios. Manifestei-lhe sempre um amor desinteressado e puro só possível nessas pri-

Ambição

Não poderás nunca
Libertar-te
Da tua condição humana!

Quando procurares
Transcender-te
E encontrares
A Essência
De todas as coisas
Que são
Para ti,
Quando em tudo
Que parece ser,
Tu conheçeres
A Origem
Do que é real
No teu conhecer,
Quando quiseres
O Absoluto
E o realizares
Na tua Ideia
De beleza,
Quando tiveres
O teu pensamento
De perfeição
Tornado
Realidade;

Quando conseguires
Ter
Tudo o que queres,
Desejarás ainda
O que ficou
Para aquém
Do teu querer!

María Carmelita Homem de Gouveia

meiras idades. Ela escrevia longas cartas aos pais, lamentando o seu destino, a sua vida. E ansiava que o outono viesse — porque o outono para ela, significava a sua cidade, o espectáculo de cinema por mês, as histórias ingénuas e patéticas contadas pela mãe, o carinho e solicitude da vida do seu pequeno lar abandonado. E o outono veio finalmente. Vieram as tardes frescas, o cheiro forte do mosto a fermentar nas lagarigas; as moitas dos carvalhos tornaram-se amarelas e na folhagem dos sabugueiros os piscos soltavam os seus trilos tristes e nostálgicos. Melhoras, a pobre, não as sentia. Mais vaporosa, mais lânguida, mais traca, os braços magrizelas — todo o seu aspecto causava dolorosa impressão. Nunca Cristina fora tão mimada, tão estremecida como nos

últimos dias da sua vida. Ela tão dada ao mutismo, tornara-se nessas dias duma espantosa loquacidade. Passava os dias inteiros na cama, já sem forças para se levantar, olhando o débil palor da luz desmaiada e triste que penetrava pelas persianas da janelas; e eu notava os estremecimentos do seu peito, visionava a obra terrível de destruição provocada pela doença, e não sabia a que atribuir todas as mudanças que se operavam no rosto de Cristina, dia a dia mais pálido, mais transparente e estranhamente comunicativo. E nas suas confidências, nos ingénuos e reccosos balbucios duma vida sedenta de saúde e felicidade, havia algo de revolta e de paixão. Eu ia para lá todas as tardes; abria um livro ao acaso, colocava os cotovelos no peitoril da janela e entretinha-me a ouvir as longas e confusas conversas de Cristina enquanto meus olhos erravam distraídos pelo campo... Oh, como a vida é bonita! — suspirava Cristina. A vida, apesar de tudo, é linda! Que aquilo estava por um fio — assegurava-nos o médico. Questão de dias. Soluçava-se pelos corredores e pelos cantos da casa, toda a gente se compadecia do estado da rapariga. Nos fins de Setembro vieram uns chuviscos miúdos e frios. Súbitamente, a doença tomou rumos mais rápidos e exasperantes. Cristina piorou, tossia muito e frequentemente as suas faces pálidas cobriam-se de vivas e rubras labaredas. Então, num suave murmúrio, quase sem forças, pedia-me que me aproximasse do leito. Os cabelos fartos e louros estavam sempre húmidos de suor e pelo quarto derramava-

Glória Futebol Clube

Consta-nos que se trabalha com empenho na reorganização do Grupo Cénico «Gil Vicente», privativo do Glória, que tanto difundiu na nossa terra o teatro de amadores há alguns anos, conseguindo mesmo assinalados êxitos. No palco do Clube, encontra-se para o efeito já concluída a instalação de água corrente, melhoramento que se tornava imprescindível.

É de esperar que os rapazes e raparigas, a quem fôr solicitada colaboração, a prestem com boa vontade, tendo em vista que o teatro é optima escola onde se aprende sempre mais e melhor a arte de bem dizer.

Impossibilitado de praticar futebol por falta de campo para o poder fazer, bom é que o Glória seja bem sucedido no lado recreativo, a que forçosamente tem de limitar-se.

TRESPASSA-SE

Uma taberna na Rua Teófilo Braga, 97, com todos os pertences.

Quem pretender dirija-se à sitada morada.

-se um odor a febre e a desinfectantes. Seu corpito mal se notava na roupa da cama. A voz tornara-se mais fraca, quase um gemido. E foi numa tarde do fim de Setembro, quando o sol dardejara fugitivamente sobre o campo e os seus débeis raios tocavam os cabelos de Cristina, foi nessa tarde saturada do cheiro forte do vinho mosto, do zumbido alegre das abelhas, dos gritos das crianças que se erguiam felizes e saudáveis no ar — que Cristina, abrindo muito os olhos, num gesto de coragem, alheia a reservas e preconceitos me confidenciou, na sua voz débil e dramática: — Que ela nunca amara, que nunca amara! Os seus lábios estorricados da febre abriram-se para me oferecerem um sorriso de resignação e estoicismo. Que nunca amara! E era por isso que lhe custava deixar a vida. Nunca tinha saboreado o gosto dum beijo. Todos tinham fugido dela, nenhum rapaz se abeirara e lhe proporcionara esses momentos de mistério que sentia tumultuar no seu sangue de jovem. E nos seus olhos abertos, largos e amplos, desmedidamente abertos e trágicamente belos, eu li a sua inexorável censura, a condenação de um mundo que lhe escondera todos os seus mistérios, e que, por isso, lhe custava tanto deixá-lo.

— Para ela não ouvir o barulho da vida, os chilreios das aves e o zumbido das abelhas, para ela não ouvir os gritos das crianças que se erguiam na pureza da tarde, apressei-me a fechar as janelas do quarto. E ao fixar novamente o rosto de Cristina, lá estava o mesmo sorriso triste e confiante nos seus lábios; só os olhos, os seus trágicos e belos olhos, esses, é que se tinham definitivamente cerrado.

PADROADO ESPIRITUAL

FOR
JOÃO VALÉRIO

RECENTEMENTE, a Santa Sé teve duas excepcionais atitudes de benevolência para com a Nação Portuguesa: — a concessão da «Rosa de Ouro» à Arquidiocese de Goa e a nomeação do respectivo Arcebispo e Patriarca das Índias para o alto cargo de Presidente da Comissão dos Congressos Eucarísticos Internacionais.

No momento, de excepcional delicadeza, em que a União Indiana insiste na pretensão de fazer incorporar nos seus vastos territórios as províncias portuguesas da Índia, a dupla distinção a Portugal concedida pelo Santo Padre reveste-se de singular significado e importância, que não pode deixar de ser posta no merecido relevo.

Segundo há pouco afirmou a Imprensa do Continente o Venerando Patriarca das Índias, a Igreja e os cristãos de todo o mundo têm de reconhecer os serviços que, durante cinco séculos, Portugal tem prestado ao cristianismo no Oriente.

Goa — afirmou o ilustre Prelado — foi a maior irradiação de fé cristã no mundo oriental. Durante dois séculos, dali partiu a mensagem do Evangelho para toda a China, para a Malásia, para o Japão, para todo o Pacífico, e até para a Etiópia. O Padroado Português do Oriente chegou a abranger trezentas dioceses, desde o Cabo da Boa Esperança à China e ao Japão.

Portugal, que ao mundo deu novos mundos e que a toda a parte levou a palavra de ordem da religião cristã, que nas velas das suas naus ostentava orgulhosamente a Cruz de Cristo, símbolo da redenção da humanidade, que espalhou pelas mais inhóspi-

Um gesto muito simpático das senhoras de Aveiro

PORQUE entre a nossa terra e Aveiro se estabeleceram laços de interesse e de amizade, não nos pode ser indiferente, pela sua beleza e pela generosidade de que se revestiu, o acto ocorrido há dias naquela cidade e que de ve ter sensibilizado o nosso amigo, sr. Egas Salgueiro, illustre provedor da Misericórdia de Aveiro, que assim viu compensados os seus muitos esforços em prol da Santa Casa da linda cidade da ria.

Uma comissão de senhoras da sociedade aveirense, na presença dos srs. Governador Civil, Presidente da Câmara e corpo clínico do hospital, ofereceu todas as peças de roupa indispensáveis para uma enfermaria de pediatria que vai ser criada brevemente naquela importante casa de assistência, que tantos e tão valiosos benefícios presta ao concelho de Aveiro.

É este um gesto profundamente simpático das senhoras aveirenses, que, estamos convencidos, quiseram assim homenagear o provedor, que tanto tem trabalhado para a disciplina e prestígio da Misericórdia da amiga cidade de Aveiro.

A propósito, lembramo-nos que a nossa Misericórdia fica situada, por curiosa coincidência, na Rua de Aveiro. Não quererem as senhoras da nossa terra imitar o gesto das illustres senhoras aveirenses?

tas plagas selvagens a doutrina redentora de Jesus, fez de Goa a sede do apostolado cristão no extremo Oriente.

Daquela cidade, onde religiosamente se guarda o corpo do grande Apóstolo das Índias, continua a irradiar o forte clarão do Cristianismo, unica força espiritual que poderá opôr-se vitoriosamente às cada vez mais perigosas doutrinas do comunismo. Nas comemorações do ano passado, mais de 817 mil pessoas, vindas de todas as regiões da União, do Paquistão, pertencentes a todas as religiões e seitas — maometanos ao lado de hindus — beijaram o pé do Santo Apóstolo, num espectáculo empolgante de grandiosidade e de significativa beleza.

Quer isto dizer que, nos tempos materialistas em que estamos vivendo, o primado do Espírito nada perdeu da sua multissecular eficiência e que todos os povos, mesmo os mais próximos do paganismo e os mais tenzmente «trabalhados» pela propaganda soviética, sentem a necessidade de mais alguma coisa, além das vulgares materialidades da vida e das satisfações, mais ou menos completas, das ambições pessoais e políticas.

Todas as raças humanas sentem a legítima ambição de subir, mais e melhor. Nenhuma doutrina oferece mais facilidades de ascensão do que a doutrina católica, bem compreendida e bem assimilada. Portugal, para ser grande, para alargar os seus domínios a limites nunca antes suspeitados, empunhou a Cruz e

UMA CARTA

A PROPÓSITO de um comentário publicado na secção «Conta-Gotas», da nossa illustre colaboradora D. Maria Manuela Nunes, recebemos, de alguém justamente conhecido no meio radiofónico português uma carta muito curiosa. Por absoluta falta de espaço e aglomeração de originais cuja publicação temos sido obrigados a adiar, só hoje nos é possível dar à estampa a referida carta.

Lisboa, 20 de Julho de 1953

Ex.^{ma} Senhora
D. Maria Manuela Nunes

Minha Senhora,

Li, no número 5 de «Notícias do Algarve», a secção «Conta-Gotas», que segundo creio está a cargo de V.

Ignoro em absoluto quem é a sr.^a D. Maria Manuela Nunes que tão cruelmente deixa cair uma «gota» do seu frasquinho de ácido sulfúrico, ao que parece, para procurar atingir a rádio portuguesa, apodando-a de «alta escola da mediocridade», de mistura com um tanto ou quanto descabida citação mitológica.

E porque ignoro quem é, ignoro portanto se se trata duma rapariga nova que emprega o seu ardor e a sua boa-vontade em revolver o mundo, se duma senhora já experimentada neste amontoado de pugnas e desilusões a que só chamar-se experiência da vida e que quer empregar essa experiência ao serviço da reabilitação dum Pégaso feito asno pachorrento, moendo cadenciados passos ao redor de rústica nora.

Sómente, gostaria que precisasse mais objectivamente as suas acusações, isto é quem é ou quem são os Pégasos, a nora, os mediocres e os mestres da Escola de mediocridade.

Quem escreve estas linhas não tem, por qualquer forma, nem competência nem poderes para «endireitar» aquilo que num ou noutro aspecto talvez não esteja muito direito. Mas tem, pelo menos, uns bons pares de anos de trabalho nessa tão vilipendiada rádio e sabe como é difícil senão impossível, agradar simultaneamente a gregos e a troianos.

E senão, repare:
V. minha senhora é, suponhamos, uma pessoa com larga cultura musical. Adora Beethoven, devaneia com Chopin, sente-se esmagada pela grandiosidade de Wagner, e fica maravilhada com a magistosa severidade de Haendel e de Bach.

E' ainda V. um dos espíritos de eleição, que conseguem compreender e assimilar uma história que o autor nos conta através duma composição, e vivê-la em espírito e em uníssono com o autor.

E, através do executante, que é por assim dizer um desdobramento da personalidade musical do compositor, V. estabelece acertadas comparações com os textos originais e consegue chegar a eleger o intérprete mais ou menos perfeito desta ou daquela obra, deste ou daquele autor.

Tudo o quem em música se afaste destes padrões, é acolhido por V., se não é dotada dum ecletismo musical perfeito, senão com indiferença, pelo menos com distração.

Mas... o mundo é composto de variadas gentes com os mais variados gostos.

E é muito natural que bem perto de V., quiçá, no mesmo prédio, por cima, por baixo, ou ao lado de V. more uma outra ouvinte que ache «maçadores» e «incompreensíveis» os autores que lhe citei, mas que se extasie ouvindo uma Galli-Curci ou uma Lily Pons cantar o rondó da Lucia, o Caro nome, do Rigoleto ou a Vocalise de Rachmaninoff, coisas que talvez a deixem a si indiferente ou quase.

Do outro lado da sua rua, mora talvez um senhor que adora Lehar, Strauss, Offenbach, Friml, etc. e que bate o compasso diletantemente, ouvindo a canção de Vilia, os Contos das florestas de Viena, os contos de Hoffmann, ou a valsa da Rose-Marie.

E, por baixo dele, mora um gentil casal de operários, que adoram a Amália e os seus fados, os discos do Armandinho e do Marceneiro, as emissões da APA e dos Companheiros da Alegria.

E, para finalizar, V. tem talvez filhos ou sobrinhos para quem a música tem o seu maior expoente em Glenn Miller, Cab Calloway, Harry James, Artie Shaw, Spike Jones, Francisco Canaro e Xavier Cugat, etc., etc.

Se V. conseguir descobrir um sistema de satisfazer ao mesmo tempo os

tos destes vários grupos de ouvintes, sem esquecer os apreciadores de rádio teatro, de crónicas teumáquicas e da «Bola» terá conseguido resolver o maior problema da rádio portuguesa.

Alguém do meio musical português com trabalhos dignos do maior louvor, deu-me, em tempos, a seguinte definição acerca da diferenciação da música em música clássica, música de concerto, música de câmara, música sinfónica, música ligeira, etc., etc.: «A música é uma linda mulher nua que cada autor atavia a seu gosto».

E é o género do atavio, o fácil ou simples, o garrido ou severo, que classifica a música.

Aquele que gosta verdadeiramente de música, arte do belo por excelência, sabe encontrar essa beleza tanto numa sinfonia de Beethoven como na mais modesta ária pastoril tocada numa flauta de cana. Mantém-se quer numa quer noutra nos aparece o motivo melódico personificando a linda mulher nua.

Quem sabe se Beethoven, Brahms ou Tchaikowsky não foram a essas singelas melodias pastoris buscar os temas das suas sinfonias.

Por isso, se me delicia ouvindo por exemplo o concerto n.º 5 para piano a orquestra, de Beethoven, não deixo também de vibrar igualmente com um modesto fado ou até com uma singela canção.

A essência da beleza é sempre a mesma, a linda mulher nua, os atavios é que são diferentes.

Repare que várias barbaridades que por aí têm sido feitas no que diz respeito a adaptações de músicas de autores célebres «por exemplo» Tschai-

kow-ky, se salvam e «pegam» (permi-ta-se-me o plebeísmo) devido à sua melodia, isto é, despiram os atavios à linda mulher que, mesmo nua, continuou a impôr a sua beleza (ex.º concerto n.º 1 de Tchaikowsky para piano e orquestra, a que uma adaptação ligeira deu o nome de concerto para dois).

Mas, regressemos ao tema central, de que me afastei: a mediocridade da Rádio portuguesa.

A que Rádio se refere V.?

Há que distinguir entre aqueles que fazem da Rádio uma honesta profissão e os mil e um produtores, montadores, argumentistas e intérpretes, mais ou menos «de ocasião» que «panham» pelos cabelos uma oportunidade de resplandecer a pomada para calos da casa X ou os botões de colarinho da camisia Y e que entendem ter o direito de impingir ao malaventurado ouvinte os jactos da sua inteligência ôca, da sua incompetência pujante, ou do seu desgraçado gôtos.

Estes, deixá-los hei de lado por não lhes reconhecer sequer o direito à crítica.

Critica-se aquilo que vale a pena criticar, isto é, aquilo que representa um trabalho feito à sombra de uma série de conhecimentos do que se está fazendo. Pode ser certo, pode estar errado, pode ter coisas boas e coisas más, mas... é um trabalho.

Os outros, ignora-se.

Ora, há realmente, entre os trabalhadores de rádio, produtores, montadores, intérpretes ou executantes, alguns a que talvez se possam apontar defeitos, quiçá grandes defeitos.

Não contesto.

Mas, vamos a ver qual a razão.

Nos programas publicitários — aqueles que mais atacados são e por vezes com bastantes razões —, é preciso ter em atenção dois factores, qual deles o mais importante.

Primeiro, é que o comerciante portu-

(CONCLUÍ NA 8.ª PÁGINA)

O Pintor JOAQUIM REBOCHO

ALGARVIO PELO NASCIMENTO NACIONAL PELA EXPRESSÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Vieiras — o Portuense e o Lusitano — Domingos Sequeira e alguns mais do grupo, cuja aura rapidamente se desfaz, outros ciclos análogos se formaram, a seguir, particularmente representados pelas mentalidades dos finais do século XIX, a que pertenceram: na ciência, Gomes Teixeira, Ricardo Jorge e Serrano; na literatura, os «Vencidos da Vida»; no teatro, a parilha dos Rosas, Brazão, Chaby, Angela Pinto, Adelina, etc., etc.; na estatua: Simões de Almeida, Soares dos Reis, Teixeira Lopes; na pintura: Columbano, Salgado, Malhoa, Carlos Reis, Ramalho, seguidos ainda duma plêiade doutros mestres que puderam condensar toda a expressão e o sentimento artístico da sua época.

O fulgor da nossa arte empalidece um pouco para permitir o advento duma nova era, de correntes diferentes, modernas, em que novos valores se revelam e afirmam o panorama da estética actual. Se uns se desprendem das tradições,

guiados por outra luz, outros contemporizam e conciliam, com excepcional prudência e bastante talento, os dois polos da questão: neste caso se encontra Joaquim Rebocho, vigorosa compleição de artista que, no momento, parece haver alcançado a culminância das suas possibilidades.

A sua geração constitui, como os exemplos já referidos, um ciclo de valores, na arte nacional.

Os fenómenos repetem-se; e assim, a Joaquim Rebocho cabe um lugar de privilégio na confraria artística a que pertence. Duas são as suas principais facetas de pintor: uma, consiste na firmeza construtiva do desenho que em toda a sua obra revela solidez de estrutura; outra, é a fácil e sugestiva dramatização dos assuntos que exprime.

Com estes pontos de apoio, Rebocho resolve todas as dificuldades da composição e da técnica.

Não são surpresas os seus trabalhos de hoje, porque já no período escolar das Belas Artes se afirmava um artista de invulgares recursos, não só nas aulas, como na competição dos concursos em que entrava. Venceu brilhantemente duas provas correspondentemente ao «Prémio Lupi»; outra do «Prémio Ferreira Chaves» (composição e esboço).

Seguidamente à terminação do curso de Pintura na Escola de Belas Artes de Lisboa, foi incumbido duma grande decoração a fresco na Assembleia Nacional, de parceria com Sousa Lopes e Domingos Rebelo. Os painéis aludiam a: Diogo Cão, Pedro Alvares Cabral, ao Infante D. Henrique, em Sa-

gres. A elasticidade do seu talento, ao mesmo tempo juvenil, chegou à execução dum painel decorativo para o navio «Império», e doutro destinado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em que desenvolveu o tema da «Antiguidade Clássica».

Mas a obra de maior envergadura em que o artista dá a medida exacta do seu engenho, da sua competência e da sua sensibilidade, é a constituída pelos frescos que vão decorar a parede-topo da escadaria monumental do Ministério das Finanças — tarefa quase concluída, que há pouco visitámos com muita admiração e entusiasmo.

Três painéis formam o conjunto: Um central, onde figuram os principais factores da actividade nacional; e dois, um de cada lado, com alegorias respectivamente à terra e ao mar.

Toda essa figuração dramatiza os temas tratados com excepcional vigor e harmonia — aquela suave harmonia resultante do processo que Joaquim Rebocho dominou com a elegância e firmeza peculiares à sua maneira de ser.

Novo, desembaraçado o decidido, o artista tem na sua frente um vastíssimo horizonte que poderá trazer-lhe, em partes iguais, a glória e a fortuna.

Armando de Lucena

SUBSÍDIOS

III

QUANDO D. Sancho II, auxiliado pelo Mestre D. Paio Peres Correia, tomou pela força das armas Cacela aos Mouros, era ela, como já ficou dito, uma importantíssima vila mourisca, bem fortificada.

O seu castelo «era forte e bom», como o afirma Frei João de S. José, na «Corografia do Algarve».

Não podemos, ao certo, afirmar quem a fundou: se os Fenícios, os Romanos, se os Godos, se os Arabes, mas o que é certo é que o seu castelo era muito importante, no tempo destes últimos.

Estácio da Veiga, afirma que as ruínas que encontrou nas proximidades de Cacela, (refere-se ao sítio da Igreja), atestam, que era de uma grande importância o seu castelo.

Parece, no entanto, que por pouco tempo se conservou Cacela na posse dos portugueses, depois da sua conquista.

Os mouros de Tavira, logo que souberam que D. Paio e D. Sancho II se haviam retirado para o Alentejo, e andavam empenhados noutras acções de armas, deixando o seu castelo entregue a uma pequena guarnição, caíram sobre ela e retomaram-na.

Foi por meio de troca que D. Paio Peres Correia entrou segunda vez na posse de Cacela. Este facto, ocorrido em 1242, é referido por Frei João de S. José, autor da «Corografia do Algarve», cujo manuscrito existe na Biblioteca Nacional, e passou-se deste modo:

Encontrando-se D. Paio Peres Correia em Aljustrel e tendo descido até ao Algarve, para combater os mouros, tomara, pela força das armas, os castelos de Estômbar e Alvor.

Os mouros, para não terem próximo da cidade de Silves um inimigo tão aguerrido e poderoso, empurraram-no para Cacela, e o Mestre, desejando tirar vingança dos mouros de Tavira, por estes retomarem Cacela, encontrou no partido um meio fácil de se aproximar de Tavira sem combates.

Por isso, o Mestre aceitou de boa mente as propostas do rei de Silves, da troca dos castelos de Estômbar e Alvor pelo de Cacela, por este ser muito mais importante e melhor servir os seus objectivos militares.

Era então Cacela vila agarena bem fortificada. D. Paio Peres Correia, escolheu-a para sua residência, e dentro dos seus muros acolheu as suas tropas, que deviam ser numerosas, até à tomada de Tavira.

PARA A HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA DE VILA NOVA DE CA CELA

POR

MANUEL DOS SANTOS CABANAS

Cacela disfrutava, pois, a honra de ter sido uma das primeiras três terras, conquistadas por D. Sancho II aos mouros, no Algarve. Não podemos positivamente afirmar que fosse Cacela a primeira dessas conquistas, mas somos levados a crer que assim seja, pela ordem por que são citadas por todos os



D. SANCHO II, conquistador de Cacela aos mouros

(Gravura em madeira de M. Cabanas)

historiadores antigos e modernos, incluindo o austero Alexandre Herculano, (Cacela, Alamoite e Tavira), pois está averiguado que foi Tavira a última, visto de Cacela ter saído D. Paio Peres Correia, com as suas tropas, em socorro dos seus sete companheiros, em virtude da traição das Antas. Este facto deu-se a 11 de Junho de 1242.

E' sabido, pela tradição oral e pelo relato do manuscrito encontrado por Frei Joaquim de S. Agostinho, no arquivo da Câmara Municipal de Tavira, e que se supõe da autoria de Frei João de S. José, como se deu este acontecimento.

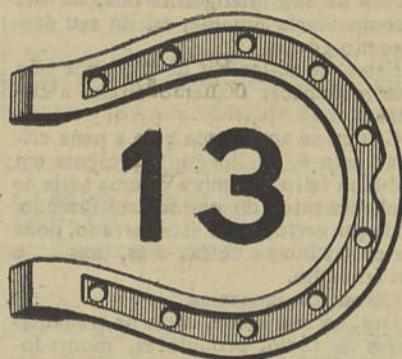
Tendo os mouros de Tavira e de outros lugares em redor, proposto tréguas ao Mestre da Ordem de S. Tiago enquanto durasse o tempo das colheitas e vindimas e, sendo aceite a referida proposta, os mouros à falsa fé, faltando ao compromisso tomado, atacaram e mataram seis cavaleiros, companhei-

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS

de Consumo e Exportação

QUE MARCA



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Pro-
vador desta casa

é o seu Proprietário

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos
extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região,
aguardente de ginja, e mel centrifugado

Preços em concorrência
para todos os mercados

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»
«MINHA ULTIMA MARCA»
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

Produtos vinicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

AGENTES EM:

AFRICA e BRAZIL

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espirito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65 - B

CASA FUNDADA EM 1913

© CARTAXO - Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefones

13 - Cartaxo

27 - Ericeira

821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.^{da} - S. Mamede Riba Tua

Crónica de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dominicais. Só os algarvios sentem uma profunda saudade da areia do sul, que o mar lava e lhe oferece. A água gelada e o vento, forte por vezes mas sempre fresco, fazem bater os dentes como castanholas. No entanto, dum maneira geral, o lisboeta resiste razoavelmente ao frio que o atormenta; ou é a carne argentina com quatro e cinco anos de morta que tem mais calorias, ou é o hábito de por vezes, no inverno, andar em corpinho bem feito, enquanto os sobretudos e agasalhos estão... a limpar.

O banho decorre sem incidentes. Um ou outro afogado é a coisa mais natural, nestas praias. Já ninguém repara! O homem grita, apanham-no—quando apanham!—e uma ambulância leva-o para os hospitais de Lisboa, onde chegará poucos minutos depois, mas onde esperará duas ou três horas para ser atendido. Mas tudo isso é divertido! E' um domingo de praia!...

A tarde vem o vento, impiedoso e violento, a ameaçar a segurança das barracas e toldos e a semear areia pelos olhos mais pestanudos!

As horas de modorra, que os almoços provocaram, são interrompidas. A areia entra pelos ouvidos, pela boca, por toda a parte! Os restos dos farnéis enchem-se daquela areia suja. E' impossível estar mais tempo naquele inferno, que ninguém sente, apesar de tudo. Mas, insensivelmente, vão começando a preparar a retirada.

Os restos da comida, as cascas das bananas e os papéis sujos enterram-se à socapa. Ninguém viu!...

O caminho para a estação é interminável! Os merendeiros, apesar de vãos, parece pesarem como chumbo.

O vento contrário dificulta a marcha e lança terra nos olhos! Na estação passam dois comboios com as portas fechadas e com a lotação esgotada. No terceiro comboio havia quatro lugares nos pára-choques.

Finalmente, o Cais do Sodré! Outros polícias, desta vez ainda mais amáveis.

Duas prisões: — um carteirista e um... de gestos amaneirados, que vinha de calções.

Apenas uma cabeça partida, que não trazia óculos.

Naquela multidão toda, apenas um homem parece satisfeito: — o sinaleiro! No seu «poleiro», com a fresca da tardinha, ditando ordens com gestos largos e... olhando as «garotas», tostadas e atraentes. Mas não é só por isso que ele está satisfeito!... E' que... não foi para a linha de Cascais!...

J. M.

AJUDEMOS OS NOSSOS BOMBEIROS ATINGIU OS PRIMEIROS DEZ CONTOS

O MOVIMENTO EM MARCHA PARA AUXILIAR OS NOSSOS BOMBEIROS A CONSTRUIREM O SEU QUARTEL-SEDE

A INICIATIVA de um grupo de vilarealenses de boa-vontade em reunir fundos que ajudem os nossos valorosos bombeiros na resolução de um dos seus problemas mais instantes, vai seguindo o seu louvável propósito.

Embora não atinja ainda o ritmo célere que todos muito justamente desejamos, o certo é que a respectiva comissão vai registando a entrada de novos donativos que, pouco a pouco, aumentam o respectivo Fundo, ainda insuficiente para o fim em vista, mas que, no entanto, demonstra já a compreensão e o aplauso que os vilarealenses e os amigos de Vila Real de Santo António dedicam à sua benemérita actividade.

Noticiamos hoje a recepção de novas importâncias, o que permitiu ultrapassar-se os primeiros DEZ MIL ESCUDOS, primeira etapa dum fim que necessariamente se há-de alcançar, com o auxilio de todos.

Desnecessário se torna salientar a decisiva importância que tem para a função da Corporação dos nossos Bombeiros uma condigna instalação do seu — do nosso — material de socorro público, como também se nos afigura dispensável referir os benefícios que dêsse advêm para a população da nossa terra. Registemos simplesmente, e com satisfação, a circunstância do movimento ir prosseguindo, e renova-se o apelo já feito a todos quantos desejem cooperar praticamente na campanha em curso, pois estes primeiros DEZ CONTOS já amealhados são garantia de que a séria actividade da comissão há-de produzir os seus frutos. A essa coadjuvação, por certo, não se alhearão os pombalinos e os amigos e habitantes desta terra.

Assinalando o facto de se ter atingido mais um marco no caminho andado, manifesta-se o agradecimento sincero a quem teve a generosidade de cooperar nesta obra de alto interesse para a nossa terra, e aguarda-se a chegada de novas adesões, que muito reconhecidamente se agradecem.

Damos, a seguir, nota das importâncias recebidas:

Transporte	9.795\$80
Donativo oferecido pela Orquestra Ibérica.	50\$00
Produto da festa da Primavera realizada no Lusitano Futebol Clube.	138\$30
Produto do 2.º sorteio utilitário	72\$00
Soma	10.056\$10

Noticiário da Província

Olhão

(CONCLUSÃO DA 2.ª PAGINA)

José António, que recebeu a taça Câmara Municipal de Olhão.

Boatos e Certezas

Realizou-se no passado domingo em Faro no Parque Lethes, Sport Lisboa e Faro, na parte da manhã e com enorme assistência, o jogo de apuramento para o Campeonato Nacional da II Divisão de Basquetebol, entre as turmas do Carnide de Lisboa e do S. C. Farense. Com um jogo mais prático e com melhor técnica, os lisboetas venceram por 49-44, com todo o merecimento — embora a equipa algarvia nunca tivesse desanimado e posto toda sua vontade na luta com o fim de conseguir a vitória. Isso não sucedeu mas estamos certos que o Farense mostrou e honrou o basquetebol da nossa província. A arbitragem do sr. Costa Graça foi brilhante e esperamos muitas arbitragens do sr. Costa Graça como a que tivemos ocasião de ver no passado domingo.

O conhecido jogador do Portimonense, Jorge Santos, negociou a sua carta com o clube algarvio. Ao que parece o Portimonense recebeu daquele jogador 5.000\$00, e assim Jorge Santos encontra-se livre.

No domingo realiza-se novamente o jogo entre os antigos e modernos em futebol com a colaboração dos jogadores do S. C. Olhanense. Este jogo é para angariar meios para o antigo jogador Joaquim Oeiras, e fará parte dele o internacional andaluz José Lopez Martinez.

Encontra-se nesta vila o belenense Padesca, que vem tratar dos assuntos referentes à sua vinda para este clube algarvio. Ao que parece o Clube de Futebol «Os Belenenses» deseja 14.000\$00 pela carta de desobrigação.

O S. C. Farense encontra-se em negociações com Celestino e Gil, respectivamente médio volante e interior esquerdo. Ao que parece Arza II não vem para o Farense como noticiamos visto querer muito dinheiro.

Em Faro encontra-se tudo com esta pergunta: Ficaremos na II Divisão? Desde logo o S. C. Farense merece estar na II Divisão, porquanto uma cidade como Faro não pode deixar de ter um representante. Deixamos este assunto à apreciação das individualidades competentes.

Realiza-se em Olhão no dia 18 no Campo do Clube Desportivo «Os Olhanenses» um combate de box entre Belchior e Grelha. Este combate é a desforra de Belchior, e esperamos que o campo do Clube Desportivo «Os Olhanenses» contenha o pessoal. — Herculeano.



TINTAS DYRUP

Fábrica de Tintas de Sacavém - S. A. R. L.

Agentes Distribuidores no Algarve:
FIAL - Fomento Industrial e Agrícola, Lda.
 Largo S. Luiz FARO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
 Agente - ALFREDO CAMPOS FAISCA

TORNEIO de tiro aos pratos

Organizado pelo Clube Náutico desta vila, realiza-se hoje, na praia de Monte Gordo, pelas 16,30 horas, um torneio de tiro aos pratos, dividido em duas provas:

a) *Senhoras e Iniciados* — 10 pratos — distância 10 metros.

Prémios: 1.º Taça C. N. P.; 2.º Prémio «Ourivesaria Mateus»; 3.º Prémio «Oleos Amalie».

b) *Prova de Honra* — 20 pratos — distância handicap (12 e 15 metros).

Prémios: 1.º Taça «Comissão Municipal de Turismo»; 2.º Taça «Morcegos»; 3.º Prémio «Oleos Atlantic».

A inscrição para a primeira prova (senhoras e iniciados) é de 30\$00, e para a segunda prova de 70\$00.

Haverá arrematação de espingardas cobrando a Organização 40%. Os pratos estão incluídos no preço das inscrições, exceptuando os dos desempates, que ficarão a cargo dos atiradores, ao preço de 1\$00 por tiro.

A inscrição é permitida até ao final da 1.ª volta de cada prova.

O júri será nomeado pela Organização e das suas decisões não haverá recurso.

Os desempates serão a 5 pratos.

O júri determinará a distância dos atiradores na prova de honra.

As castas de vinha que podem ser plantadas no Algarve

O «Diário do Governo» inseriu uma portaria que estabelece as percentagens mínimas de castas a figurar obrigatoriamente nos novos povoamentos de vinha. No que respeita ao Algarve, as castas e percentagens são as seguintes: uva branca — Arinto, 5 por cento; Boais, Crato branco, Perrum, Sabro e Tamarés, 25 por cento. Uva preta — Bastardos, Crato preto, Monvedro e Trincadeira ou periquita, 30 por cento.

JÁ CONHECIA ESTA?

Um velhinho, no dia em que fez cem anos, foi entrevistado pelos jornalistas e à já clássica pergunta sobre a que atribua o haver chegado àquela idade, respondeu que julgava ser por nunca ter bebido vinho.

Os jornalistas, satisfeitos, iam retirar-se, quando se ouviu grande reboliço de móveis atirados ao chão. Disse o centenário:
 — Desculpem, mas o meu pai-nho tem o costume de se embebedar sempre que alguém faz anos na família...

No próprio interesse de V. Ex.^a consulte sempre a

TIPOGRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Caixa Postal N.º 3

Holland-America Line SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ALMDYK”

carrega em LISBOA em 28 de AGOSTO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«LOCH AVON» — 22 de Agosto

«DUIVENDYK» — 8 de Setembro

«LOCHGARTH» — 21 de Setembro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. A. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

Está indeciso? Não hesite. A HAVANEZA é a casa que melhor pode servi-lo em todos os trabalhos de fotografia.

Anunciar no «Notícias do Algarve», defensor dos interesses da nossa província, é ter a certeza de aumentar as suas vendas e tornar conhecidos os seus produtos.



Punktal SOLINGEN

a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L. da R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto



EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta vila:
Manuel da Silva Domingues
 Avenida da República — Telefone 12

UMA CARTA

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

guês não têm, na sua maioria, noção exacta do que é publicidade e do sistema eficiente de a fazer.

Um programa que não diga trezentas vezes que «pomada amor é o melhor limpa metais» de misturada com uma série de «slogans» de mau gosto, e uns leves pôsinhos de música (mas muito leves) no meio, não interessar ao comerciante.

Por outro lado, se os artistas que se vão «queimando» em tais programas não cantarem algo de popularucho género «ai ó linda» ou um fado tétrico com desgraças, facadas, tiros, um algiudar de sangue e tripas, e o pobre «operário» que foi traído pela costureira gentil e travessa que o trocou pela vida de luxo que um «velho-vilão» lhe ofereceu, o público dará umas palmas de circunstância (quando as dá) ao artista e nunca mais lá põe os pés.

Conjuge V., minha senhora, estes dois factores e terá encontrado a causa do baixo nível artístico dos programas publicitários, não obstante a competência e o inegável valor artístico da maior parte daqueles que em tais programas intervêm.

Pode-se ser um Luís Piçarra, uma Natália Vianna, uma Maria de Lourdes, uma Júlia Barroso ou uma Amália Rodrigues que, se a música não for do/sabor popular e diga muitas vezes «zai que t'amo, zai que t'adoro», ou então conte a história tétrica qte atrás cito, não chega.

O público adora intervir na execução. Repare que o número em que o público tenha oportunidade de bater umas palminhas ritmadas ou de cantar ou refrain em coro, é número de agrado certo.

Mas se em vez disso tiver um bom número de música ligeira tocado ou cantado, (por exemplo Strauss ou mais modernamente Gershwin) ou qualquer opereta, franze o nariz e acha simplesmente maçador (chumbada, como eles dizem).

Muito fica por dizer minha senhora, e, se quiser, terei muito prazer em o fazer, se este assunto e estas polémicas lhe agradam.

No fim, teremos talvez pensado orgulhosamente que erguemos mais um pilar para sustentar o mundo!!!!!!

Tenho o prazer de lhe apresentar, minha senhora, os meus respeitosos cumprimentos.

Um leitor

PENSÃO FELIX

Sobeiramente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

QUANDO TEREMOS

Biblioteca Pública?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

acção em favor de uma ideia que tinha e tem a simpatia pública e da qual bons frutos havia necessariamente a esperar.

Este caso de flagrante incapacidade realizadora de uma iniciativa tão útil e tão merecedora de amparo, vem-nos demonstrar que não podem os nossos conterrâneos alimentar esperanças de grandes coisas.

Estamos em crer até que o vírus da preguiça, do desinteresse, da apatia, lhes corrói — a todos indistintamente — aquelas microscópicas fontes de energia que teimam em vitalizar a matéria. Chega a gente a admirar-se de como alguns condescendem em fazer o esforço espantoso que pressupõe levar a colher á boca ou abrir esta... para bocejar.

O caso da biblioteca municipal, que serviria naturalmente de arquivo da papelada camarária, merecia ser encarado com um pouco mais de seriedade. A nossa terra, apesar da lassidão e do desinteresse de muitos, não é um lugar insignificante, povoado por umas centenas de pessoas rudes e incapazes de se compenetrarem do valor de qualquer coisa que transcenda os comesinhos e transitórios bens materiais.

É hoje uma das mais importantes vilas do país, com alguns milhares de habitantes e dentre estas algumas centenas haverá que alimentem esperanças de se elevarem intelectual e espiritualmente, destacando-se da mediocridade geral e apetrechando-se para extrair das suas aptidões e do seu estudo tudo o que lhes for possível. É principalmente para estes e para aquelas pessoas que desejem ou precisem consultar obras caras e pouco acessíveis a bolsas modestas, que se criam as bibliotecas municipais. Têm estas ainda o grande mérito de atrair um certo número de indivíduos da classe popular que são forçados, sobretudo no inverno, a ficar aborrecidos em casa ou a distraírem-se em cafés e tabernas porque não têm a onde ir procurar um pouco de distração que, no caso de uma biblioteca, seria simultaneamente de ilustração.

Como exemplo de amor a

cultura, podíamos apontar (o que já fizemos noutra oportunidade) a biblioteca pública da modestíssima Vila Flor. Mais pequena que Alijó (a terra de José Rufino), dispõe de uma biblioteca com alguns milhares de volumes e com uma frequência que nós gostaríamos chegasse a ter a biblioteca local — se algum dia for criada. E, fiquem sabendo, Vila Flor tem a quinta parte dos habitantes da Vila Pombalina e a sua Câmara vê-se e deseja-se para equilibrar receitas e despesas.

Mas, a despeito da sua modestia e da pobreza do seu orçamento, capricha em proporcionar aos seus munícipes um salubre e tranquilo recreio, que se traduz numa valorização intelectual que não se encontra noutras povoações de maior nomeada e onde, em vez de civilidade e ilustração, encontramos grande abundância de tolos e não pequeno número de enfatuados que, por preguiça ou por incapacidade congénita, se deixaram ficar ao nível intelectual indispensável para envergonharem a terra onde nasceram.

Job

Fotografia de arte, reportagem fotográfica, laboratório fotográfico para amadores, etc.

HAVANEZA

Rua Teófilo Braga, 9 Telef. 71
Vila Real de Santo António

Prédio na Praia de Monte Gordo

VENDE-SE

Frontes para: Rua Gonçalo Zarco, 19 Largo da Igreja, 24 e uma Travessa.

FACILITA-SE PAGAMENTO

Pedir chave à sr.ª SÚLPICIA, Rua António Nols, 31—Monte Gordo.

Dirigir a Evaristo Melo Vasconcelos Rua Fernandes da Fonseca, 12 2.º
Telefone 28034 — LISBOA

VENDE-SE

Uma morada de casas de esquina, com 7 divisões, sita na rua Infante D. Henrique n.º 19, com porta de quintal, para a rua Vasco da Gama n.º 23.

Quem pretender, dirija-se a Eugénio Mendes — Vila Real de Santo António.



O mais completo sortido de
CALÇADO PARA CRIANÇAS

Exclusivo da firma:

**Viúva de
Manuel Francisco**

Rua Teófilo Braga

Vila Real de Santo António

O VALOR da Imprensa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

no das aspirações colectivas. Nele se debatem problemas importantíssimos, agitam-se opiniões renovadoras, defendem-se regalias conquistadas. É ele que comunica ao público os acontecimentos mundiais, trazendo-o a par dos progressos da Ciência e, por ser a publicação mais barata, é ele ainda que leva ao povo muitos conhecimentos que o livro não lhe pode dar, por, muitas vezes, não ter condições acessíveis de preço.

Se juntarmos a tudo isto a acção que o mesmo desenvolve a favor da assistência pública, das classes trabalhadoras, da instrução, da agricultura, do comércio, da indústria, de tudo, enfim, que representa a vitalidade de um povo, então compreender-se-á melhor o valor da Imprensa, e este valor afirmar-se-á tanto mais, quanto maior for a seriedade de processos.

É por isso que o jornal honesto deve merecer sempre o apoio do povo, primeiro e antes que qualquer outro.

Rul de Gelb

Carreira Fluvial no Guadiana

Com a cooperação da Comissão Municipal de Turismo desta vila, a Empresa de Transportes do Rio Guadiana, iniciou na passada semana, uma carreira entre esta Vila e a Praia de Santo António, cujo horário noutra local publicamos.

João Valério

Assinal «Notícias do Algarve»

Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega — deveis preferir um WISCONSIN PORQUÊ?

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação, 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilissimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustível

FILTRO DE AR a banho de óleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO - Rua de S. Paulo, 113 - LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76

CEMPEXO



Uma grande marca Dinamarquesa

Recomendada para pintura de

interiores e exteriores

paredes

muros

frontarias de casas ou edifícios

outras superfícies

NOVAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO CIVIL!

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que

RESISTEM A TUDO, SENDO LAVÁVEIS E DE FÁCIL EMPREGO

Pó que se mistura com água em 9 cores

PEDIR INFORMAÇÕES AOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

CEMPEXO

DE COR FIXA

DURA MAIS

RENDE MUITO

HENRIQUES & CASTRO, Lda.

TELEF. 7 5057 - AV. CONDE DE VALBOM, 96 - LISBOA



AGENTES em Vila Real de Santo António — AGENCIA COMERCIAL E MARITIMA DO SUL
em Tavira — MARCELINO AUGUSTO GALHARDO
em Olhão — JOSÉ DE ARAGÃO BARROS